

A MARCA PRETÉRITO PERFEITO E SUA INVARIÂNCIA NAS PÁGINAS *EDUCA MAIS BRASIL* E *BRASIL ESCOLA*

MARIA VITÓRIA MARTINS SOUZA*

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Piauí, PI, Brasil.

Recebido em: 4 abr. 2022. Aprovado em: 2 ago. 2022.

Como citar este artigo: SOUZA, M. V. M. A marca pretérito perfeito e sua invariância nas páginas *Educa Mais Brasil* e *Brasil Escola*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 3, p. 52-63, set./dez. 2022. doi: 10.5935/cadernosletras.v22n3p52-63

Resumo

A marca enunciativa pretérito perfeito é ensinada em escolas como feito passado já concluído. Para reforçar o aprendizado dos estudantes, são recomendados *sites* que abordam conceitos e exemplos ilustrativos do uso gramatical. Este artigo, portanto, analisa enunciados com essa marca em busca de compreender a complexidade aspectual do pretérito perfeito a partir da teoria das operações enunciativas de Antoine Culioli. O *corpus* é constituído de frases retiradas das páginas *Educa Mais Brasil* e *Brasil Escola*, domínios da *internet* utilizados como instrumentos de aprendizado por alunos do ensino básico.

* E-mail: vitoria.sous@ufpi.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0003-1122-9890>

Palavras-chave

Pretérito perfeito. Teoria das operações enunciativas. *Websites*.

APRESENTAÇÃO

A língua, de acordo com as teorias enunciativas postuladas por Antoine Culioli (1924-2018) – linguista francês que se dedicou ao estudo da enunciação –, é constituída de processos divididos em níveis profundos e superficiais. Isso significa que a descrição desses sistemas linguísticos consistirá na descrição dos mecanismos enunciativos. Dessa forma, o conceito de enunciado é um todo formado pelo conjunto de processos de operações predicativas e enunciativas. Assim, desde o nível “pré-lexical de noções e de relações entre noções, caracterizadas por propriedades físico-culturais, entre as quais propriedades aspectuais (primitivas), que virão a manifestar-se no modo de processo” (CAMPOS, 1997, p. 22). Nessa perspectiva, os estudos a respeito do tempo como valor referencial construído na e pela enunciação permitem visualizar como se dá o processo enunciativo.

Posto isso, o objetivo deste trabalho é analisar o pretérito perfeito como parte do processo enunciativo em enunciados selecionados na *web* empregados para o auxílio estudantil e demais interessados na conceituação e exemplificação do que seja essa marca enunciativa. Os enunciados, por sua vez, foram selecionados a partir da busca exclusiva do pretérito perfeito, especificamente, sua conceituação e exemplos em domínios voltados para a educação básica de maior alcance *on-line*. Portanto, a partir dos resultados dessa pesquisa, propõe-se uma análise de enunciados encontrados nos seguintes domínios educacionais: *Educa Mais Brasil* e *Brasil Escola*. Dessa forma, a justificativa para o uso dessas páginas em questão parte da busca realizada na ferramenta *Google* e que se apresentam como as primeiras opções quando se busca ‘pretérito perfeito’. Nessas páginas em específico serão analisados exemplos apresentados como usos do pretérito perfeito.

O que subsidiará as análises é a teoria das operações enunciativas formuladas pelo linguista francês Antoine Culioli a partir da releitura teórica de Sousa (2007) e Lopes (2006). De forma prévia, essa teoria enunciativa permite compreender o porquê do pretérito perfeito não se encontrar sempre como marca estável no que tange à sua significação de passado já concluído. Essa

teoria enunciativa, portanto, abarca todo o processo enunciativo no que se refere às operações e será mobilizada em prol da análise dos enunciados considerados como exemplificações do uso desse tempo verbal.

PRETÉRITO PERFEITO

Como explica Campos (1997, p. 24), o pretérito perfeito como um aspecto temporal é um dos valores referenciais que partem da relação com o sempre presente da enunciação. Geralmente, esse tempo em específico é ensinado nas escolas a partir da noção gramatical de feito passado já concluído. Esse ensino é reforçado por fontes na *internet* que auxiliam os alunos, os que têm acesso a esse meio de busca, em seu aprendizado, principalmente nos tempos atuais, quando a *web* é parte indissociável da vida urbana e especificamente juvenil. Para tanto, o que é ensinado no ambiente escolar determina a forma como as páginas educacionais retratam o linguístico. Isso se dá principalmente pelo viés da gramática normativa, pois o ensino básico prioriza que o aluno tenha a capacidade de usar a língua escrita como parte de seu repertório linguístico. Além disso, é um dos objetivos dessas páginas o auxílio à compreensão do uso gramatical principalmente para a prática de redações, também como complemento para a compreensão do que é visto em sala de aula.

Por sua vez, em relação às operações predicativas e enunciativas, de acordo com Campos (1997, p. 22), funcionam a partir do primeiro nível para construir a relação predicativa. Essa relação é localizada a partir de um espaço enunciativo específico construído pelo sujeito enunciadador no ato de enunciar para, assim, tornar-se um enunciado. Isso significa que o sujeito necessita estar em um determinado espaço presente para formular o seu dizer e posicioná-lo temporalmente mediante o momento sempre presente de enunciar. Dessa forma, essas operações, como defende essa teoria (CAMPOS, 1997, p. 22), edificam as coordenadas enunciativas desses espaços de enunciação para que haja a relação predicativa com o sistema da língua e, portanto, permitir os valores referenciais como aspecto, modalidades, tempos, entre outros que estão envolvidos no processo.

A partir dessa compreensão, pode-se explicar como o tempo verbal pretérito perfeito se constrói. De acordo com Sousa (2007, p. 21), uma primeira consideração, para o ser humano como sujeito, é a representação indispensável

do passado e a interpretação desse processo para a compreensão da produção discursiva nas línguas naturais. Portanto, é necessário trazer para o centro da discussão a valorização das formas, sua organização e seu funcionamento linguístico. Essa noção temporal existe em todas as línguas nas quais o ‘homem’ e o ‘tempo’ estão inter-relacionados. Ainda que os mecanismos de contagem temporal sejam relativamente recentes, estudos sobre o ser humano primitivo já demonstram a presença dessa noção de temporalidade. A partir da visão histórica, essa relação foi modificada e recriada a partir das diferentes culturas em tempos distintos. Para tanto, entre o que já aconteceu, esse passado, em um jogo semiótico e cognitivo, encontra-se as representações de tempo denominado pelas gramáticas escolares de pretérito perfeito.

Sousa (2007, p. 22) explicita uma diferença entre tempo vivido e tempo biológico. O primeiro está na relação do homem com o tempo, em sua passividade ou atividade diante da noção temporal representada conscientemente, como exemplifica os verbos ‘perder’, ‘ganhar’ etc. Por sua vez, quando se trata da passagem do tempo pelo viés biológico, encontra-se o próprio ritmo da natureza. Essa última noção foge ao homem no sentido de que este tem um tempo determinado de existência biológica e por isso não pode apreendê-la. Isso não significa que essa noção de tempo, de forma geral, não atravesse todos os âmbitos da vida dos sujeitos.

Nessa contextualização, há o problema da representação de tempo. Para compreender como esta se dá, Sousa (2007, p. 25) estabelece níveis que permitem visualizar o sistema de representação metalinguística. O nível I trata das representações mentais a partir do cognitivo até o cultural na relação entre homem e o mundo. O nível II, ou ‘nível dos textos’, é a manifestação direta do primeiro nível que permite a análise linguística. Porém, é somente a partir do nível III que se dá as representações metalinguísticas. Nesse ponto, é a partir da relação analítica entre os níveis II e III que se pode simular o que se dá no nível I. Dessa maneira, vê-se os textos como produtos observáveis desses processos. Ainda quanto ao nível I, encontra-se “três tipos de noções: noções lexicais, noções gramaticais e noções complexas” (SOUSA, 2007, p. 27). Tais noções surgem como representações de ordem cognitiva, não apreensíveis diretamente. Assim, o que se pode fazer é entender esse processo a partir dos estudos dos níveis seguintes.

As noções lexicais se dão em uma qualidade que se pode atribuir a um objeto. Por sua vez, as noções gramaticais remetem às representações

linguísticas, tais como marcadores de “número, pessoa, tempo, aspecto, caso, modalidade, etc.” (SOUSA, 2007, p. 28). De certa forma, trata-se de “localizar” termos entre si e relacioná-los. Há, então, as seguintes operações: identificação, diferenciação e ruptura. Sousa (2007, p. 28) constrói essa espécie de operação matemática onde a ordem dos termos, em um esquema lógico, produzirá um dado enunciado de características específicas, como o produto da operação. Esse cálculo vai mais além, pela consideração de dois parâmetros: sujeito e espaço-tempo. Dessa maneira, constrói-se um sistema de coordenações enunciativas onde acontece o processo enunciativo em uma situação de locução.

Por sua vez, para Lopes (2006, p. 27), a marca do pretérito perfeito deve ser analisada pelo viés enunciativo para que sejam determinados os seus valores semânticos. Para tanto, “a estabilização semântica, sendo necessariamente local, relativa à contextualização observada, faz do valor no qual o pretérito perfeito remete a um ‘fato passado já concluído’ apenas um entre outros valores decorrentes dessa marca” (LOPES, 2006, p. 24). Isso exige envolver sentidos externos a esse material verbal, como defende a teórica. Entretanto, tal premissa não exige que haja um referencial circunstancial ou situacional, em outras palavras, não se trata de trazer o extralinguístico e nem as vontades do locutor, mas o contexto enunciativo.

Nessa afirmação, o pretérito perfeito “desencadeia possibilidades interpretativas vinculadas a seu próprio funcionamento” (LOPES, 2006, p. 25). Assim, a polissemia está presente nessa marca e permite que seu uso colabore com as diferentes interpretações que fogem da regra de passado já concluído. E mais, a estabilização semântica tratada pela autora surge pela interação entre unidade e contexto verbal. Assim, para Lopes (2006, p. 25), os valores semânticos que são adquiridos fazem parte dessa polissemia e marcam o processo de interpretação. Por isso a autora trata de explicitar o problema da invariância/variação em tal estudo da marca. Como se verá nas análises, há interações “observadas nos enunciados que são, em grande parte, decorrentes do próprio pretérito perfeito, que se caracteriza por apresentar, em si, uma variação intrínseca no que diz respeito a seu funcionamento” (LOPES, 2006, p. 30). Dessa maneira, nota-se que, para além de um fato passado já concluído, têm-se enunciados que marcam a presença de um fato passado que se iniciou antes, mas que ainda se mantém no tempo da enunciação.

De qualquer forma, não há uma coincidência entre o tempo da realidade física e da representação feita desse tempo na linguagem, pois isso se dá por

relações temporais que partem do próprio tempo da enunciação. A partir disso se dá construção de tempo no processo enunciativo, desse sempre presente do ato de enunciar. Dessa maneira, noções que envolvem o passado, e nesse caso o pretérito perfeito, têm como referência o presente da enunciação. Para tanto, a língua disponibiliza marcadores que demonstram essa representação, e isso varia de acordo com as línguas. Assim, “o tempo linguístico é construído na língua e pela língua para representar as noções de tempo de cada cultura” (SOUSA, 2007, p. 33). Portanto, esse presente da enunciação, localizada em situação-origem, relaciona os outros localizadores que fizeram parte do processo de um determinado enunciado. Além disso, há que se fazer um corte, um intervalo que diferencia as posições de tempo, em uma continuidade ou descontinuidade.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS QUE APRESENTAM O PRETÉRITO PERFEITO

Por motivos didáticos a análise foi dividida em duas partes. A primeira corresponde ao domínio *Educa Mais Brasil*, especificamente, a página denominada “Pretérito Perfeito”, na qual há a exemplificação de três frases. Parte-se, então, para a nomeação respectiva desses enunciados como ‘a’, ‘b’ e ‘c’ neste trabalho. A segunda parte corresponde ao domínio *Brasil Escola*, no qual os exemplos foram tirados da página nomeada como “Formas do Pretérito Perfeito: Simples e Composta”. Importante pontuar que foram apresentadas somente duas frases isoladas para exemplificação do uso do verbo nessa página em questão, os demais exemplos são canções completas nas quais o leitor buscará identificar os verbos conjugados no pretérito perfeito. Esses exemplos, por sua vez, não foram selecionados para análise em vista de não desaparecer com o domínio anterior pelo fato de não apresentar enunciados em situações de contexto. Logo, os dois enunciados encontrados estão nomeados respectivamente como ‘d’ e ‘e’.

EDUCA MAIS BRASIL

Na página em questão, o pretérito perfeito é explicitado como passado já concluído e intenta por meio de exemplos mostrar ao leitor/aluno em quais

momentos podem ser usados esses verbos através de frases do cotidiano. Nesse momento, o *website* não busca uma análise crítica, mas um esclarecimento de como é conceituado esse tempo verbal de acordo com a tradição gramatical normativa. Nesse primeiro momento, seguem-se as análises de: (a) “Na sexta-feira eu visitei meus amigos de escola”; (b) “Qual foi a parte que você não entendeu?”; e (c) “Espero que ele tenha conseguido ser aprovado”.

No enunciado (a) a marca ‘visitei’ relaciona-se com ‘sexta-feira’. Pelo termo, é esperado referir-se ao outro como anterior ao momento da enunciação, que o valor marcado seja de fato passado já concluído. Entretanto, esse efeito se dá pela presença do ‘sexta-feira’, pois não seria possível marcar o valor temporal sem o referencial. Nessa relação, a partir da descrição no tempo, o momento de referência está identificado com o momento da ação verbal. A referência seria ‘sexta-feira’, momento anterior à fala do enunciador. Por sua vez, ‘visitei’ está conjugado como primeira pessoa do singular do pretérito perfeito. Há uma correlação de que ‘visitei’ na ‘sexta-feira’ é dado como passado terminado sem relações com o presente da enunciação no que toca à ação verbal. Sousa (2007, p. 33) refere-se às relações entre tempo e enunciação com base na noção de aspecto. Isso significa que o termo ‘visitei’, considerado por suas desinências como conjugado no pretérito perfeito, é uma consideração gramatical. Para além disso, o aspecto não é constituído da normatividade das gramáticas ainda que descritivas, mas pelas relações enunciativas nas quais a compreensão de ‘visitei’ se dá pela anterioridade ao momento de fala do enunciador. Esse tempo aspectual considerado como sempre presente da enunciação.

Na análise enunciativa, como defende Lopes (2006, p. 27), é necessário olhar para todo o enunciado e verificar como se dá o sentido pelas correlações entre os termos, assim, ‘visitei’ tem seu valor como concluído pela sua relação com a demarcação de ‘sexta-feira’. Sem a presença do substantivo, o enunciado ‘visitei meus amigos de escola’ não teria um sentido completo, implicando perguntas como ‘quando visitou?’ para a compreensão de seu sentido. Dessa forma, esse enunciado reitera a definição empregada de pretérito perfeito como ação concluída através da análise aspectual.

O próximo enunciado (b) “Qual foi a parte que você não entendeu?” apresenta um emprego distinto do anterior. Pode-se começar pela análise de ‘foi’ com ‘entendeu’. A marca ‘foi’ apresentada como conjugada no pretérito perfeito relaciona-se com a marca “não entendeu” para que o enunciado tenha sentido referencial. Por sua vez, ‘não entendeu’ em sua correlação com ‘foi’

constrói um sentido de que esse acontecimento começou no passado e ainda tem seu desenvolvimento no momento da fala. Na enunciação, para além da análise de verbo, quando se diz que esse enunciado não está como ação concluída no passado, mas algo que segue com consequências no presente, tem-se a ideia de que esse não entendimento deve ser resolvido justamente porque não compreender está se desenrolando no presente. Assim, denominar uma frase no pretérito perfeito não abarca o total da significação do enunciado.

No enunciado (c) “Espero que ele tenha conseguido ser aprovado” têm-se complexidades a mais por apresentar ações como a de ‘espero’, no presente do indicativo, ‘tenha’, ‘conseguido’ e ‘ser’. O primeiro está na equivalência entre o momento de fala com o momento da ação verbal, ou seja, está no presente da enunciação. Por sua vez, o ‘tenha conseguido’, assim como o enunciado anterior, apresenta uma ação iniciada no passado. Contudo, apesar de haver um sentido de que algo foi conseguido – no caso, ser aprovado (ou não) –, há uma desenrolar no presente no que tange a esperar que a pessoa de quem se fala tenha realmente sido aprovada.

Nesse enunciado em questão, marca-se o desconhecimento da aprovação ou de sua provável não aprovação, mas que, portanto, espera saber. Há, aqui, uma interpretação que se manifesta no presente, que seria a do desconhecimento da aprovação e de sua espera pela informação. Agora, a marca ‘ser’ não se relaciona com tempo, mas com um estado de coisas. Nesse caso, ‘ser aprovado’ é a expectativa de que o sujeito esteja nessa condição de aprovado. Portanto, não há como simplesmente afirmar que seja um caso de pretérito perfeito, seja simples ou composto, mas um conjunto de relações que envolvem variáveis como o tempo do presente da enunciação. Tempo no qual há uma espera, a expectativa de aprovação e da incerteza de que algo foi feito.

Dessa forma, a marcação gramatical de pretérito perfeito é mantida pela consideração das desinências formais que a permitem ser consideradas nesse tempo específico. O problema está em verificar o aspectual na análise enunciativa; como defende Lopes (2006, p. 35), a interpretação de um enunciado parte de um contexto enunciativo que pode possibilitar uma disparidade, como em comparação com uma frase considerada de mesmo tempo gramatical. Isso significa que determinados enunciados podem apresentar esse aspecto de feito concluído em determinados enunciados, e, em outros, apresentarem interpretações distintas mesmo que haja a mesma marcação gramatical. Assim, essa diferenciação surge das situações contextuais que as produzem.

BRASIL ESCOLA

Da mesma forma que o domínio anterior, a página *Brasil Escola* considera o pretérito perfeito como ação ou efeito concluído no passado que não apresenta continuidade no momento da enunciação. Apenas duas frases isoladas foram apresentadas como exemplos do uso do verbo. Outras exemplificações foram empregadas, porém, em situações textuais como canções. Entretanto, essas canções encontradas no *website* são consideradas como exercícios para os quais o leitor praticaria seu aprendizado ao identificar nos textos expostos os verbos nesse tempo em específico. Assim, os enunciados encontrados após a apresentação dos conceitos foram (d) “Entreguei as encomendas e preenchi o relatório”; e (e) “Qual foi a parte que você não entendeu de que não quero mais te ver?”.

O enunciado (d) permite, então, compreender duas partes que se relacionam. A primeira ‘entreguei as encomendas’ tem sentido de que a ação foi iniciada no passado e concluída no mesmo. O momento de fala, o presente da enunciação, enuncia o momento de referência como igual ao momento da realização da ação expressa pelo verbo. Isso significa que, quando se diz ‘entreguei as encomendas’, o momento de entregar foi feito no passado, e, é a esse momento que o enunciado se refere. Por sua vez, o verbo ‘entreguei’ está conjugado como primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, o que coincide com a referência feita no enunciado – a de que foi entregue as encomendas e que essa ação terminou, antes do momento de fala, no presente enunciativo. De certa forma, nesse primeiro momento, há uma ocorrência interpretativa estável que se encaixa na definição de pretérito perfeito. Assim, o lado aspetual e gramatical estão sincronizados, permitindo que a definição de pretérito apresentada coincida com o exemplo exposto na página.

A segunda parte do enunciado, ‘preenchi o relatório’, ligada à primeira parte pelo conectivo ‘e’ acrescenta ao sentido do primeiro trecho uma ação seguida no tempo, ou seja, a de entregar as encomendas e depois preencher o relatório; essa parte se encontra nos mesmos parâmetros da anterior. Já a marca ‘preenchi’, assim como ‘entreguei’, permite a interpretação de uma ação iniciada no passado que se conclui em si, portanto, em relação ao momento de fala, tem-se o momento de referência igual ao momento de ação expressa pelo verbo. Como explicita Sousa (2007, p. 25), a estabilidade encontrada em

enunciados no pretérito pode ou não ser mantida dependendo de sua relação com o momento de enunciação. Dessa forma, essa parte do enunciado, tal qual a primeira, encontra-se como um exemplo de emprego do pretérito perfeito apresentado dessa forma, isto é, ação passada já concluída de forma estável.

O próximo enunciado implica a pergunta (e) “qual foi a parte que você não entendeu de que não quero mais te ver?”. Nessa frase em questão, o sentido é construído pela relação entre um fato que começou no passado, mas que ainda tem implicações no futuro. Nesse enunciado, a marca ‘não entendeu’ está relacionada com o que foi enunciado posteriormente ‘não quero mais te ver’. Nesse caso, dizer que não queria mais ver foi uma ação dita antes do momento de fala, mas que ainda não foi cumprida pelo interlocutor, o que implica uma pendência.

A partir disso, ‘não entendeu’ não é interpretado como ação concluída no passado, mas como algo que tem suas consequências ainda presentes. Em relação ao tempo de fala, o ‘não entendeu’ relaciona-se com o presente da enunciação por esse sentido de incompletude. Por sua vez, o ‘não quero mais te ver’ está igual com a ocasião de fala e reitera o momento de referência que pode ser interpretado com o sentido de que o enunciador não o queria ver e continua não o querendo.

Esse momento de referência, quando, no passado, se apresentou o desejo de não o ver ainda, é mantido por relacionar-se com o sentido de que o outro ainda não o entendeu. São relações complexas, as quais mostram que, nesse enunciado, há uma correlação de tempos e ações. Há o entendimento do sentido de não querer ver como ocorrido antes e que, por sua vez, permite na situação de contexto correlacionar com a interpretação de que não houve o entendimento desejado. Esta, por sua vez, desenvolve o sentido de pendência pela insegurança de que houve ou não a realização do entendimento antes do presente do enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou mostrar, por meio de análises, que nem sempre um enunciado caracterizado como pretérito perfeito terá esse sentido como estável. Compreendeu-se que nem sempre a interpretação se dará como feito já

concluído, mas que, como visto, poderá possibilitar uma relação entre o passado que se relaciona com o presente no que tange à continuação do feito já iniciado, mesmo que ainda não concluído. Essas páginas, em seu tratamento do pretérito perfeito, trazem enunciados como exemplos, considerando todas como concluídas.

Assim, mostrou-se que essa definição de algo feito no passado, dado como terminado, exige uma contextualização para a compreensão de seu sentido. O que se tem é uma complexidade de sentidos na relação desse pretérito com o presente enunciativo, ou seja, há enunciados que marcam esse pretérito perfeito como pendente. Portanto, o estudo do pretérito perfeito exige que se leve em consideração não somente a marca verbal, mas todo o enunciado. Sem analisar o processo enunciativo e referencial, que implica o contexto de enunciação, suas complexidades serão ocultadas em prol de um aprendizado mais exemplificativo e rígido desconsiderando-se o lado aspectual. Na interpretação, é visível que em determinados enunciados esse passado ainda decorre no presente. Dessa forma, caracterizá-lo simplesmente como concluído será de difícil apreensão a partir dessa ideia gramatical, já que o aluno notará essa instabilidade semântica.

The mark past perfect and its invariance on the websites *Educa Mais Brasil* and *Brasil Escola*

Abstract

The mark 'past perfect' is taught in schools as a past deed already completed. Websites that can help students learn are recommended since they address concepts and bring illustrative examples of grammatical usage. This article analyzes utterances with this mark to understand the aspectual complexity of the past tense from the theory of enunciative operations. The corpus consists of phrases taken from the *Educa Mais Brasil* and *Brasil Escola* pages, internet domains used as learning tools by elementary school students.

Keywords

Past perfect. Theory of enunciative operations. Websites.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, M. H. C. *Tempo, aspecto e modalidade*. Estudos de linguística portuguesa. Lisboa: Porto Editora, 1997.

DUARTE, V. M. do N. Formas do pretérito perfeito: simples e composta. *Brasil Escola*, [2022]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/formas-preterito-perfeito-simples-composta.htm>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LOPES, M. C. R. Estudo semântico do pretérito perfeito. Variações interpretativas e regularidade de funcionamento. In: REZENDE, L. M.; ONOFRE, M. B. (org.). *Linguagem e Línguas Naturais: Diversidade experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 23-39.

OLIVEIRA, F. Pretérito Perfeito. *Educa Mais Brasil*, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/preterito-perfeito>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUSA, O. da C. e. Do conceito de representação à representação linguística do tempo. In: SOUSA, O. da C. e. *Tempo e Aspecto*. O imperfeito num corpus de inquisição. Lisboa: Colibri/IPL, 2007. p. 19-51.